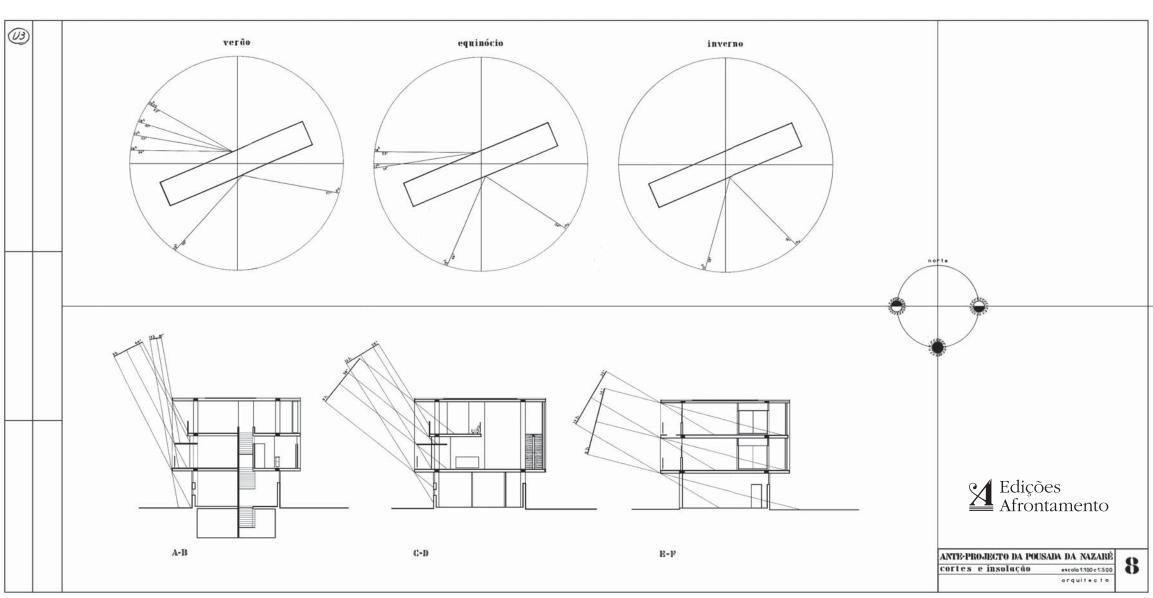
RUY D'ATHOUGUIA

Ana Tostões
Eduardo Souto de Moura
Hélio Piñon
João Luís Marques
João Pedro Falcão de Campos
e João Manuel Santa Rita
José Fernando Gonçalves
Manuel Mateus
Nuno Brandão Costa
Ricardo Carvalho



GRAÇA CORREIA

RUY D'ATHOUGUIA



ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4	CONTEXTO	40	Edifício Residencial Lote 1	20
		Síntese biográfica	41	Torre do Infante	20
PREÂMBULO	6			Complexo Residencial	21
Texto de GRAÇA CORREIA RAGAZZI		A OBRA	48	Casa Pinto da Costa	21
Her mandaman madical a suistanusta	0			Casa Dr. José Rosas	22
Um moderno radical e aristocrata	9	ANOS 40: A PROCURA DA LINGUAGEM	52	PRAÇA DE ALVALADE	23
Texto de ANA TOSTÕES		Cine-Teatro de Abrantes	58	FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	24
Hiatouguia e o «mapa»	10	Casa Solomon J. Brown	64	A	0.7
Texto de EDUARDO SOUTO DE MOURA		Casa Kurt Volz	66	A incorporação do tempo	27
Tufanna da Halia Diafa, askua la tasia		Escola do Bairro de S. Miguel	70	A MODERNITO A DE EM A DEDITO	0.7
Informe de Helio Piñón, sobre la tesis	10	CASA MARIA AMÉLIA BURNAY	78	A MODERNIDADE EM ABERTO	27
de Graça Correia	13	CÉLULA VIII BAIRRO DE ALVALADE	84	A pousada da Nazaré	28
Texto de HELIO PIÑÓN		Casa Ruy Athouguia	98	A Modernidade em aberto	30
A igreja e o centro cívico de Carnaxide	15	Has been as a sub-	100	Nata da autava	30
Texto de JOÃO LUIS MARQUES		Um instrumento novo	108	Nota da autora	30
Passar o tempo na arquitectura de Ruy Athouguia	19	ANOS 50: A PRECISÃO DA FORMA	112	CURRICULUM VITAE	31
Texto de JOÃO PEDRO FALCÃO DE CAMPOS e		Estaleiro Naval	112	Elaborado por RUY ATHOUGUIA	01
JOÃO MANUEL SANTA RITA				Etabol ado por NOT ATTIOOOGIA	
R. A.: desenho e construção como laboratório		ESCOLA TEIXEIRA DE PASCOAES	122	ÍNDICE DE OBRAS	31
de projecto	20	CASA SANDE E CASTRO	130	INDICE DE ODICAS	31
Texto de JOSÉ FERNANDO GONCALVES	20	Casa Câmara de Freitas	140	BIBLIOGRAFIA	32
TEXTO DE JOSE FERNANDO GONÇALVES		Casa Pinto Coelho	142	BIBLIOGRAI IA	32
Ruy Athouguia		Casa Ruy Mendes	146		
Texto de MANUEL MATEUS	23	Casa Domingos Pepulim	147		
A provenceão do Moderno	24	Casa Dr. Ruy Leitão	148		
A provocação do Moderno	24	Casa M. Guilherme da Costa	150		
Texto de NUNO BRANDÃO COSTA		Casa Frederico Costa	151		
Sobre a felicidade ou como construir o quotidiano	26	LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA	154		
Texto de RICARDO CARVALHO		Bairro da Federação das Caixas de Previdência	162		
		A consciência formal	172		
RUY D'ATHOUGUIA	30				
		ANOS 60: ACTUALIZAÇÃO	176		
INTRODUÇÃO	32	Edifício de Habitação Colectiva	184		
O encontro com Ruy d'Athouguia	33	Edifício Gomes da Costa	192		
O desencontro com Ruy d'Athouguia – um mal-		Casa Batista Fernandes	194		
-entendido histórico-crítico	35	Edifício de Habitação Colectiva	196		

AGRADECIMENTOS

Ministério da Ciência e do Ensino Superior

(A investigação foi financiada por uma Bolsa de Investigação atribuída em Concurso Público em 1997, no âmbito do Programa Operacional «Ciência Tecnologia e Inovação»)

Fundação Marques da Silva

Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Arquivos

Câmara Municipal de Cascais, Divisão de Arquivos

Para além dos apoios institucionais, este livro contou ainda com o contributo inestimável das seguintes pessoas, às quais não posso deixar de agradecer:

– Ruy Jervis d'Athouguia, Hélio Piñón, Eduardo Souto de Moura, Ana Neto Vieira, Duarte Pinto Coelho, Paula Abrunhosa, Luís Jervis Athouguia e José Miguel Rodrigues.

PREÂMBULO

GRAÇA CORREIA RAGAZZI

Como preâmbulo a esta edição faço minhas as belíssimas palavras de Fernando Pessoa e de que Athouguia tanto gostava: «Toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria. Só os espíritos superficiais desligam a teoria da prática, não olhando a que a teoria não é senão uma teoria da prática, e a prática não é senão a prática de uma teoria (...) Na vida superior a teoria e a prática completam-se. Foram feitas uma para a outra»⁽¹⁾.

Fui aprendendo durante a prática que desenvolvo há cerca de 25 anos que a arquitectura depende, em último caso, do modo como o autor - o arquitecto - interpreta o significado da história, da tradição e das culturas locais e decide agir em relação a estas, tomando-as em consideração enquanto mais uma condição prática do projecto. De facto, a obra de Souto Moura com quem iniciei o meu percurso, é uma prova convincente da capacidade de adaptação da linguagem moderna a condições locais. Sempre atenta ao contexto, percebido num sentido abrangente, a sua arquitectura reforça o sentido da história, ao mesmo tempo que alarga o alcance da expressão contemporânea. Entende-se assim a importância do rigor histórico não como erudição, mas como material de projecto. Apesar disto, ao longo da interpretação e ensino da história recente da arquitectura confrontei-me com afirmações contraditórias em torno da história, da noção de modernidade e dos propósitos da vanguarda moderna ou dos resultados da acção dos arquitectos que nos precederam, já que, em muitas aulas de história e teoria da arquitectura baseadas nos textos dos teóricos dos anos 60, os professores deixavam claro

que os arquitectos modernos fizeram tábua rasa da história. Outras afirmações, mais recentes, tentam esclarecer que a discussão no âmbito da modernidade tem sido pervertida, iludindo a possibilidade futura da sua assimilação. É o caso do professor e arquitecto Hélio Piñón⁽²⁾, de William Curtis⁽³⁾, ou de Jurgen Habermas que, em 1980, expressando a sua gratidão pela atribuição do Prémio Adorno e recorrendo às origens da modernidade, aponta de forma sintética a sua verdadeira genealogia e as suas posteriores perversões. Assim, propõe-se questionar «se a Modernidade é de facto tão obsoleta quanto pretendem os pós-modernos, ou se, pelo contrário, não será a pós-modernidade, proclamada por tantas vozes, uma pura mentira? Se não será um oportunismo sub-reptício da própria pós-modernidade que, através de um slogan, pretende assumir a herança de naturais reacções que a modernidade cultural levantou (...) A pós-modernidade apresenta-se deliberadamente sob os traços de uma anti-modernidade»(4). Esta frase envolve obviamente uma «corrente afectiva que se insinuou em todos os domínios da vida intelectual e que marcou a entrada em discussão das teorias do após-Aufklärung, da pós-modernidade, da pós-história, etc., isto é, numa palavra, de um novo conservadorismo. A pessoa e a obra de Adorno contrastam com esta tendência»(5).

Já na minha tese de doutoramento, RUY ATHOU-GUIA – A MODERNIDADE EM ABERTO, defendi que a arquitectura moderna não representa uma ruptura com a história, mas uma renovação dos instrumentos que permitem alcançar com mais precisão os objectivos de toda a história da arquitectura. Cedo percebi ser fundamental apreender as ideias

do passado entendendo-o amplamente e não o exclusivamente moderno, e usá-las como uma ferramenta útil para me ajudar a esclarecer o caminho que nos conduz ao presente e ao futuro imediato. Nesta perspectiva interessa-me uma afirmação como a de Lívio Vachini, também ele um excelente arquitecto cuja prática valorizo e, nesse sentido, também as suas reflexões: «As obras do passado não devem 'sobreviver' (forma hipócrita do esquecimento) mas devem ser transformadas em obras 'diferentes' (forma nobre da memória)»⁽⁶⁾, ou a extraordinária observação de Phillys Lambert, a propósito da obra de Mies van der Rohe, que entendia como sendo fruto de uma descarnificação da tradição clássica da arquitetura. Concebida por Mies, era como uma linguagem cheia de uma sintaxe rigorosa e de vocábulos bem escolhidos. Estes, já não tinham a forma das colunas dóricas ou coríntias tradicionais, mas as formas simples dos perfis metálicos H e I ou T, produtos da indústria americana. Essas eram as novas ordens arquitectónicas que constituíam o esqueleto de um tipo inédito de edifício, revestido de uma pele de vidro. «Não se deve modernizar o Renascimento, só se pode aprender com ele»(7).

Este é o discurso que me interessa.

O ter encontrado Ruy Athouguia em 1997 e um conjunto de obras tão significativo na cidade de Lisboa, onde exerceram um papel determinante na consolidação da sua expansão nos anos 40 e 50, mas que o tinha esquecido totalmente ao ponto de nem fazer parte do programa de história da arquitectura portuguesa, constituiu, desde logo, uma inquietação.

Daí à importância de perceber que a experiência do 'redesenho' de obras não pode ser confundida como 8/9

um simples acto de cópia, mas como uma visão interpretativa dos documentos originais. E foi um modo de aprender arquitectura muito diferente da colaboração num escritório ou na Escola, mas complementar, e que me ajudou muito também a ensinar. Por outro lado, a convivência com este homem tão discreto e notável fez-me acreditar convictamente nas lições de Carles Martì Aris em Barcelona, onde este afirmava que todos os argumentos, ainda que de inegável contundência, são irrelevantes ao lado do resultado da experiência prática: a prática é a verdadeira aprendizagem. O sentido da forma aprende-se com a experiência, bem como o desenho se aprende desenhando e dificilmente alguém aprenderá a desenhar só por folhear ou ler livros ou artigos, ou vendo revistas de arquitectura... a Teoria serve como uma ferramenta para construir o projecto mas, depois de ajudar a dar forma à obra deve, como diz Carles Martí, desaparecer discretamente e aplicar-se noutro projecto, ou seja, ajuda a definir a estrutura conceptual que vincula as obras à cultura histórica e às tradições construtivas a cada passo. Se for entendida apenas enquanto Teoria, converte-se em dogma e esse cria resistência ao Progresso.

Por fim, o encontro com Athouguia ajudou-me a perceber que a crítica fundada fora do âmbito disciplinar pode ser fatal e branquear um autor fundamental da história da arquitectura e, de facto, não escreve a História. Mais tarde ou mais cedo as contas fazem-se.

O conjunto de textos que agora se apresenta é na realidade um conjunto de testemunhos deste encontro com Athouguia e vem confirmar as cumplicidades entre uma série de arquitectos portugueses contemporaneos e a sua obra, demonstradas ao longo dos últimos vinte anos. Uns mais próximos, muitos de Lisboa e que 'cresceram na arquitectura' rodeados da obra de Athouguia, outros que a foram descobrindo ao longo do tempo e todos por uma razão comum – a prática da arquitectura, acreditando que «o projecto pertence a uma forma de conhecimento que surge da acção e se desenrola no próprio fazer» (8).

NOTAS

- 1. Fernando Pessoa, «Palavras Iniciais», Revista de Comércio e Contabilidade. n.º 1, 25 de Janeiro 1926.
- 2. Hélio Piñón, Arquitectura de las Neovanguardias. Barcelona: G. Gilli, 1984.
- 3. William Curtis, Modern Architecture Since 1900, Phaidon Press 1996.
- Jürgen Habermas, «Micromega 5/2001», Almanacco di Filosofia, artigo com o título «Fede e Sapere», p. 7-16, Revista bimestral n.º 5/2001, Dez-Jan, Gruppo Editoriale L' Espresso, Roma 2001, Trad. Livre
- 5. Jürgen Habermas, op. cit.
- 6. Carles Martí Arís e Lívio Vacchini, *Cabos Sueltos*, *Palabras en memoria de Lívio Vacchini*, Edición Ricardo S. Lampreave, 2009, p. 209.
- 7. Phillys Lambert em entrevista a Guido Beltramini, in *Jornal II Sole 24 Ore*, n.º 60, p. 41, 2 de Março de 2014. Personaggi dell'architettura : «L'archi-regina Phyllis Lambert».
- 8. Carles Martí Arís, *La Cimbra y el Arco*, Fundación de Arquitectos, 2005, Colección La Cimbra, Madrid, p. 16.

UM MODERNO RADICAL E ARISTOCRATA

texto de ANA TOSTÕES

PREÂMBULO

Ruy Jervis d'Athouguia (Macau 1919-Cascais 2006) foi um grande e talentoso arquitecto do mundo que colocou a arquitectura portuguesa numa situação de contemporaneidade. Autor de extrema versatilidade soube aliar a uma potente energia um inventivo génio criador. Deixa um expressivo legado de obras construídas.

Estuda na Escola de Belas Artes de Lisboa mas é na Escola de Belas Artes do Porto de mestre Carlos Ramos que se diploma em 1948 com 18 valores. Desses tempos de escola recordava frequentemente com saudade o amigo João Andresen, o «Jóni», colhido tão cedo da vida. Esta capacidade de relação e colaboração revela-se ao longo da sua vida nas tão diversificadas parcerias que manteve (com Formozinho Sanchez, Fernando Silva, Alberto José Pessoa ou Pedro Cid) sem contudo se perder o traço indelével da sua obra. Pertence à geração do Congresso de 1948, a geração dos «Verdes Anos» que afirmou a arquitectura moderna em Portugal referenciando-a à moderna arquitectura latino-americana mas também ao silêncio minimalista estrutual e clássico de Mies van der Rohe, ao potente formalismo de Le Corbusier, à fluidez espacial de Frank Lloyd Wright.

Criador nato, a sua capacidade de invenção seria revelada no Bairro das Estacas (com F. Sanchez), o primeiro conjunto urbano a aplicar os princípios da Carta de Atenas: uma série de blocos perpendiculares ao eixo viário substituía os tradicionais quarteirões, criando uma extensa plataforma de jardim prolongada em transparência sob os edifícios. Divulgada internacionalmente, através da revista francesa Architecture d'aujourd'hui, ou da suíça Bauen und Wohnen, esta obra foi Premiada na Bienal de S. Paulo em 1954 por

um júri composto por Le Corbusier, Alvar Aalto, Sert, Rogers. Na altura o *Diário de Lisboa* declarava que era chegado o «momento em que a moderna arquitectura no nosso país, est[ava] em vias de nos trazer uma radical e sadia transformação», por isso este Prémio constituía um triunfo. Athouguia considerava que «o aspecto arquitectónico é resultante da simplicidade dos processos plásticos empregados. Jogando unicamente com elementos construtivos e com o contraste entre cheios e vazios, planos de luz e sombra e em contraste de cores e materiais diferentes, criámos um conjunto obedecendo aos princípios puros da arquitectura dos nossos dias».

Também a sua contribuição para a renovação da arquitectura escolar se revela na clareza e rigor do estudo das salas de aula do mobiliário à incidência solar (Escola do Bairro de S. Miguel); na relação entre o interior e o exterior explorada em sistema pavilhonar (Escola Teixeira de Pascoaes); ou na organização dos volumes com cheios e vazios (Liceu Padre António Vieira).

Mas é sobretudo a Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (1959-1969; com P. Cid e A. J. Pessoa) que representa o qualificado culminar de um discurso moderno revelado nos princípios racionalistas da organização dos volumes secos e abstractos adoptados ao sabor de uma continuidade orgânica e subtilmente aderentes ao terreno com uma sábia implantação no sítio, ao sabor de uma contenção manifesta na integração da massa construída no Parque envolvente.

De seu nome completo Ruy de Sequeira Manso Gomes Palma Jervis d'Athouguia Ferreira Pinto Basto, ou Xai, como lhe chamavam carinhosamente os íntimos, era um elegante aristocrata. O seu atelier da rua de S. Pedro de Alcântara espelhava bem o carácter e o gosto simultaneamente requintado e radical do arquitecto. A atmosfera barroca do Palácio Andrade Lumiares, onde se situava, era tornada minimal quando se transpunha a porta do atelier em direcção à magnífica sala de entrada com a parede curva ao fundo. O mobiliário enquadrado em conformidade acentuava a escala moderna, marcadamente horizontal que as pinturas de Menez, do próprio, ou de amigos completavam. O seu arquivo, rigorosa e minuciosamente sistematizado, reflectia todo o cuidado que colocava na organização dos processos. Este fabuloso espólio foi transferido no início de 2001, na sequência da derrocada do palácio, para o Arquivo Histórico da CML onde permanece depositado.

Em 1994, na tese de mestrado em História de Arte que apresentei à Universidade Nova de Lisboa destaquei o valor ímpar da sua obra, publicada três anos depois com o título *Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa*. O impacto do seu legado chegou a muitos estudiosos.

A sua obra tem vindo a ser crescentemente admirada pelas jovens gerações de arquitectos que se têm empenhado na realização de trabalhos, teses (Graça Correia; Catarina Sande e Castro), ou na Exposição Videográfica (Ricardo Carvalho e Joana Vilhena, comissários). Em 2005 a atribuição do Prémio AICA significou o reconhecimento desta carreira ímpar. Dotado de um génio pictórico seguro revelado nos seus desenhos, Ruy Jervis d'Athouguia foi um extraordinário e inventivo arquitecto moderno que soube trabalhar com total disponibilidade inventiva sem nunca perder o rigor, a clareza e a objectividade que caracterizam as grandes obras de arquitectura.

Título RUY D'ATHOUGUIA

Autora

Graça Correia Ragazzi

Edição

Edições Afrontamento, Lda. Rua de Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto www.edicoesafrontamento.pt comercial@edicoesafrontamento.pt

Assistente Editorial

Rafaela Rocha Pinto

Imagem da Capa

Desenho de Ruy Athouguia

Produção Gráfica

Edições Afrontamento, Lda.

Colecção: Álbuns | 176

N.º edição: 1903

ISBN: 978-972-36-1692-7

Depósito legal: 448132/18

Impressão e acabamento

Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira www.rainhoeneves.pt | geral@rainhoeneves.pt

Distribuição

Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda. comercial@companhiadasartes.pt

1.ª edição: Novembro de 2018

Apoio





